

SAÚDE MENTAL DE MULHERES SOBREVIVENTES A TENTATIVAS DE FEMINICÍDIO POR ARMA DE FOGO EM GOIÁS

Eixo Temático 33 – Sobre as Múltiplas Violências contra as Mulheres e o Feminicídio: Políticas de Prevenção e Enfrentamento

Isabella Parreiras Andrade ¹
Tatiana Machiavelli Carmo Souza ²

RESUMO

O feminicídio é um fenômeno que se caracteriza como o assassinato intencional de mulheres em razão de seu gênero. O estudo buscou investigar a saúde mental de mulheres sobreviventes a tentativas de feminicídio por arma de fogo em Goiás. Para obtenção de dados, foi utilizado formulário online e entrevista com uma das participantes. A análise dos dados foi feita à luz do materialismo histórico e dialético. As tentativas de feminicídio mais recorrentes foram: enforcamento, dirigir perigosamente e bater com a cabeça em locais/objetos perigosos. Na dimensão da saúde mental, os impactos foram físicos, sociais e psicológicos, em que os mais expressos foram sensações constantes de insegurança, medo, falta de confiança, dificuldade de se relacionar novamente e os prejuízos financeiros.

Palavras-chave: Feminicídio; Saúde Mental; Psicologia Sócio-Histórica; Goiás; Armas de fogo.

INTRODUÇÃO

O feminicídio é um fenômeno que se caracteriza como o assassinato intencional de mulheres em razão de seu gênero (BRASIL, 2015), tornando-se a expressão máxima da violência contra as mulheres (VCM). O feminicídio envolve um *continuum* de violências até sua concretização. Por isso, engloba as violências doméstica e familiar; violência sexual; tortura; mutilação; violência física; violência emocional; entre outras. De acordo com Pasinato (2016), o principal pretexto para o feminicídio é o rompimento dos papéis de gênero que são

¹ Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Catalão – UFCAT, isabellandrade.psi@gmail.com;

² Professora no Curso de Psicologia da Universidade Federal de Catalão – UFCAT, tjmachiavelli@yahoo.com.br.

legitimados pela ordem patriarcal de exploração e dominação dos corpos femininos para sustentar os padrões heteronormativos, privilégios e manifestação de poder. Logo, compreende-se que o Estado e a sociedade são mantenedores dessa violência (ZANELLO, 2018; MENEGHEL; PORTELLA, 2017).

O IPEA (2020) informa que uma mulher é assassinada a cada duas horas e as mortes ocorridas na residência são 2,7% maior do que o de homens no Brasil. O estudo retrata que Goiás ocupa a 5ª posição dos Estados em números de feminicídio. Além disso, o Anuário Brasileiro de Segurança Pública (FBSP, 2020) apresenta o aumento de 1,9 do feminicídio no Brasil e, em Goiás, 42,9%, em relação ao 1º semestre de 2019 para 2020. Há também um recorte de raça/etnia a ser feito. No Brasil, 69,3% dos homicídios são mulheres negras (FBSP, 2020). Em Goiás, esse número sobe para 71%. Zanello (2018) entende que as mulheres negras estão em categoria de maior vulnerabilidade e violência que, em uma perspectiva colonialista, são colocadas em posição de objetos que se enquadram apenas em servir sexualmente. Portanto, foi designado ainda na era colonial a hierarquia social que fixou as mulheres negras o último lugar.

O estudo feito por Campbell et al. (2003) define que a presença das armas de fogo aumenta em 500% o risco de feminicídio. Similarmente, David (2020) retrata que 64% das agressões por feminicídio na cidade de Goiânia (Goiás) foram por armas de fogo. O relatório da *Everytown for Gun Safety* (2019) relata que o uso de armas de fogo para o feminicídio está ligada ao poder, controle, provocação de terror e intimidação na vítima. Stoever (2019) compreende que as armas de fogo são instrumentos empregados para a manipulação da vítima e posse dos corpos femininos.

Em relação a saúde mental, de acordo com a Organização Mundial da Saúde, pode entendida como “... estado de completo bem-estar físico, mental e social” (OMS, 2002, p. 27). A literatura mostra que a violência sofrida pode impactar a dimensão físico, social e psicológica da vida das mulheres (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2012; FERRARI, 2016; AVDIBEGOVIC; BRKIC; SINANOVIC, 2017).

Nesse bojo, favorecendo uma análise crítica sobre o sofrimento, escolhemos adotar o conceito de “sofrimento ético-político” cunhado por Sawaia (2014), que sugere compreensão para além da angústia individual. Tal análise infringe que existe uma dialética social de inclusão/exclusão que determina uma hierarquia entre grupos, em que alguns são excluídos através de disputas pelo poder.

Sawaia (2014) propõe uma relação entre a legitimação e coesão social para com as injustiças, desigualdades e explorações. A exclusão de um determinado grupo representa a indiferença frente ao sofrimento do outro. Similarmente, nossa pesquisa recorre a categoria de

sofrimento ético-político devido a construção histórica de exploração, opressão e submissão das mulheres pelos homens. Dessarte, entendemos que a sociedade, o Estado e a população banalizam o sofrimento das mulheres através do atraso na elaboração de leis punitivas, a insensibilidade frente ao sofrimento, preconceito e a culpabilização das mesmas pelas violências que sofreram.

Logo, utilizamos o conceito de sofrimento ético-político para entender as manifestações das vivências de violências sofridas por mulheres sobreviventes de tentativas de feminicídio. Buscamos então conhecer os sentidos e significados da vivência das tentativas de feminicídio. Nossa pesquisa tem como objetivo investigar a saúde mental de mulheres sobreviventes a tentativas de feminicídio por arma de fogo em Goiás.

METODOLOGIA

A presente pesquisa é parte integrante do projeto de pesquisa integrado “Violência, Gênero e Família: Implicações na Psicologia e Sociedade”, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Goiás, sob o parecer de número 2.916.536. A metodologia é qualitativa, com investigação das vivências, sentidos e significados e emoções envolvem as tentativas de feminicídio.

Foi produzido formulário eletrônico através da ferramenta *Google Forms*. Foram adotados os seguintes critérios para participação: se auto identificar como mulher; ter idade igual ou superior a 18 anos; ter sofrido tentativa de feminicídio com uso de armas de fogo. As participantes foram indicadas por terceiros/as e propagação da pesquisa em redes sociais.

Assim, para participar da pesquisa, a participante teve de acessar o *link* divulgado nas redes sociais e responder o instrumento. O formulário eletrônico continha dez perguntas divididas em cinco seções: 1) foi reservada ao Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE); 2) englobou o perfil identitário das mulheres; 3) abordou as tentativas de feminicídio vivenciadas; 4) sondou a saúde mental após as tentativas; 5) explicamos que a pesquisa possui uma segunda etapa, composta por entrevista, e pedimos que as participantes que tivessem interesse em participar deixassem seu contato. Apenas uma manteve o interesse e participou de entrevista vídeogravada e, posteriormente, transcrita na íntegra. A análise dos dados foi feita a partir do materialismo histórico-dialético.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em relação ao perfil identitário das participantes, a idade variou-se entre 22 e 56 anos. Em relação ao estado civil, 37% (n=4) eram solteiras, 27% (n=3) divorciadas, 27% (n=3)



VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação
em Sexualidade, Gênero,
Saúde e Sustentabilidade

casadas e 9,1% (n=1) estavam em união estável. Quanto a raça/etnia, 45,5% (n=5) se reconheciam como pardas, 27,3% (n=3) negras e 27,3% (n=3) brancas. O primeiro ponto a ser ressaltado a partir dos dados é o recorte de raça/etnia. Como dito anteriormente, 69,3% dos casos de homicídio no Brasil são de mulheres negras, enquanto em Goiás atinge 71% (IPEA, 2020). Nossa pesquisa mostra que 3 se reconhecem como negras e 5 como pardas. Isso ocorre principalmente devido a hierarquia social colocar as mulheres negras na última posição (ZANELLO, 2018).

Em relação às tentativas de feminicídio, em nossos achados identificamos que 81,8% (n=9) das participantes estavam em relacionamento afetivo com o autor da tentativa de feminicídio. A literatura mostra que 58% dos autores de feminicídio estavam junto a vítima (DISTRITO FEDERAL, 2020). Já o meio empregado, apenas uma de nossas participantes relatou ter sido ameaça ou atingida por armas de fogo. Os meios mais empregados para as tentativas foram: enforcamento (15%, n=4), dirigir perigosamente (15%, n=4) e bater com a cabeça das participantes em locais ou objetos perfurantes/cortantes (15%, n=4). As tentativas de enforcamento e bater com a cabeça estão ligadas a dominação dos corpos femininos. O automóvel é considerado um objeto vinculado a virilidade dos homens e dirigir perigosamente está relacionado a vulnerabilidade em que a vítima está posta, devido à dificuldade de sair do carro (NUNES; SOUZA, 2021a).

Outro fator importante é que as participantes experienciaram várias tentativas de feminicídio. A entrevistada Angela, relatou ter sofrido as cinco violências contidas na Lei Maria da Penha: sofreu violência psicológica, em que o ex-marido a chamava de “feia” e “burra”; violência moral, em que ele a caluniava e a difamava para a família; violência patrimonial, em que o ex-marido utilizava seus cheques; sexual, em que o agressor a forçava a ter relações sexuais com ele, pois acreditava que a esposa é propriedade do marido.

A religião também foi um elemento registrado pelas participantes. Angela, Rosa e Judith pertenciam a religião evangélica. Nesse contexto, pode ocorrer a submissão feminina, manutenção do sistema de dominação patriarcal, demonização das mulheres, normas de gênero e desigualdade de poder (NUNES; SOUZA, 2021b). A dependência emocional e financeira eram barreiras para que as participantes se separassem. Apesar de Angela trabalhar, o agressor a manipulava para fazê-la pensar que era ele quem cuidava das finanças. Além desses fatores, as filhas eram outro motivo para não se divorciar. Ela presenteava as filhas, dizendo que os presentes vinham do pai e tentava criar uma situação para que as crianças pudessem acreditar que seu ex-marido era um bom pai. Depois de anos da separação, Angela descobriu que ele abusava sexualmente das próprias filhas e uma delas tentou suicídio por causa disso.

No que se refere ao emprego de armas de fogo, Angela relatou o terror e a intimidação que sofreu nas tentativas de feminicídio, assim como constatado no relatório de *Everytown for Gun Safety* (2019). Em uma das tentativas, a irmã de Angela e as filhas estavam no quarto ao lado, ouvindo a situação, mas presença delas não impediu o agressor de tentar matá-la.

Em relação a saúde mental, os principais impactos assinalados no formulário foram: medo (8%, n=8), pensamentos depressivos (7%, n=7), crises de ansiedade (7%, n=7), dores de cabeça (6%, n=6), sentimento de impotência no cotidiano diante de atividades corriqueiras (6%, n=6), se isolar em um ambiente evitando amigos, familiares e colegas de trabalho e/ou escola (6%, n=6). Os prejuízos identificados repercutem nas dimensões física, social e psicológica, afetando as participantes anos após as tentativas, principalmente através do medo e insegurança.

Retornando ao conceito de sofrimento ético-político de Sawaia (2014), entendemos que se inscreve no sofrimento das participantes dessa pesquisa, pois, tais vivências são relacionadas a violência de gênero e ao feminicídio. A VCM e o feminicídio são meios empregados para a coesão e legitimidade social da supremacia masculina branca sob os corpos femininos e, especialmente, negros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os principais achados dessa pesquisa estão relacionados às tentativas de feminicídio e saúde mental das participantes. No que se refere às tentativas, as mais recorrentes foram: enforcamento, dirigir de maneira perigosa colocando a vida da mulher em perigo, bater com a cabeça em objetos ou locais cortantes e sufocamento. Na dimensão da saúde mental, os impactos foram físicos, sociais e psicológicos, em que os mais expressos foram sensações constantes de insegurança, medo, falta de confiança, dificuldade de se relacionar novamente e os prejuízos financeiros.

Apontamos que mais pesquisas sobre o uso de armas de fogo em feminicídio e a saúde mental das mulheres sobreviventes é importante frente ao cenário atual de debate para a liberação do porte de armas e para que as mulheres sobreviventes tenham voz sobre suas vivências e sofrimentos.

REFERÊNCIAS

- AVDIBEGOVIĆ, E.; BRKIC, M.; SINANOVIC, O. Emotional profile of women victims of domestic violence. **Materia socio-medica**, v. 29, n. 2, p. 109, 2017.
- BRASIL. **Lei nº 13.104**, de 9 de março de 2015. Brasília: Senado Federal, 2015.
- CAMPBELL, J. C. et al. Risk factors for femicide in abusive relationships: results from a multisite case control study. **Am J Public Health**. 2003 Jul.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Referências técnicas para atuação de psicólogos (os) em Programas de Atenção à Mulher em situação de Violência**. Brasília: CFP, 2012.

DAVID, L. M. V. et al. Profile of female deaths by homicide in the city of Goiânia. **Revista Brasileira de Enfermagem** [online]. 2020.

DISTRITO FEDERAL. Crimes de feminicídio tentado e consumado no Distrito Federal. **Relatório de Análise de Fenômenos de Segurança Pública nº. 001/2020 – COOAFESP/SGI**, 2020.

EVERYTOWN FOR GUN SAFETY. **Guns and Violence Against Women: America's Uniquely Lethal Intimate Partner Violence Problem.**, 17 outubro de 2019.

FERRARI, G. et al. Domestic violence and mental health: a cross-sectional survey of women seeking help from domestic violence support services. **Global health action**, v. 9, n. 1, p. 29890, 2016.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA – FBSP. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. Edição XIV. São Paulo, 2020.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA; FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA (Org.). **Atlas da violência 2020**. Rio de Janeiro: Ipea; FBSP, 2020.

MENEGHEL, S. N.; PORTELLA, A. P. Feminicídios: conceitos, tipos e cenários. **Ciência & Saúde Coletiva** [online]. 2017, v. 22, n. 9 [Acessado 2 Outubro 2021], pp. 3077-3086.

NUNES, A. C. A.; SOUZA, T. M. C. Análise das vivências de violência doméstica em mulheres evangélicas pentecostais e neopentecostais. **Rev. SPAGESP**, Ribeirão Preto, v. 22, n. 2, p. 58-72, dez. 2021b.

NUNES, A. C. A.; SOUZA, T. M. C. Análise de tentativas de feminicídios em mulheres com vivência religiosa. **Revista venezolana de estudios de la mujer**, v. 26, n. 57, p. 32-47, 2021a.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Saúde Mental: nova concepção, nova esperança**. Direção-Geral da Saúde, OMS, 2002.

PASINATO, W. et al. **Diretrizes Nacionais Feminicídio: investigar, processar e julgar com perspectiva de gênero as mortes violentas de mulheres**, 2016.

SAWAIA, B. B. **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. Editora Vozes, 2014, 14 ed.

STOEVER, J. K., Firearms and Domestic Violence Fatalities: Preventable Deaths (June 19, 2020). **Family Law Quarterly**, Vol.53, No.3, pp.183, Fall 2019, UC Irvine School of Law Research Paper No. 2020-46.

ZANELLO, V. **Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação**. Editora Appris, 2018.